

## O TRABALHO DA MEMÓRIA, EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: BANCÁRIOS EM TEMPOS DE PRIVATIZAÇÃO<sup>1</sup>

*Alcides Fernando Gussi<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo analisa a construção da memória nas narrativas biográficas de trabalhadores do Banespa (Banco do Estado de São Paulo), privatizado no ano 2000 com a sua compra pelo banco espanhol Santander. Nas narrativas dos bancários, todos já desligados do Banespa emergem, a partir do tempo presente, marcado pela privatização e seus desligamentos traumáticos – um tempo de mortes –, referências a temporalidades passadas, entre lembranças e idealizações mitificadas do Banespa, e o esquecimento das contradições que fundavam as relações de trabalho bancário. Entre a história e o mito, a lembrança e o esquecimento, considera-se o trabalho da memória nas narrativas como estratégia dos bancários para a afirmação de si, como sujeitos históricos, e de uma identidade socioprofissional, a “banespiana” diante da privatização e mudanças do trabalho bancário dos anos 2000.

**PALAVRAS-CHAVES:** Memória. Abordagem biográfica. Bancários

**ABSTRACT:** This article analyzes the construction of memory in the narratives of workers of Banespa (Banco do Estado de São Paulo), privatized in 2000 with its purchase by the the Spanish

---

<sup>1</sup> Dedico este artigo ao Prof. Dr. Geraldo Romanelli. Uma versão preliminar foi apresentada no Simpósio Temático “História, historiografia e fontes orais: temas, abordagens e perspectivas de investigação” do XXV Simpósio Nacional de História, Universidade Federal do Ceará – UFC em julho de 2009.

<sup>2</sup> Historiador, antropólogo e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Atualmente, professor adjunto da Universidade Federal do Ceará – UFC.

bank, Santander. In the narratives of the banking, everyone already untied from Banespa, emerge the present time, marked by the privatization and their traumatic shutdown – a time of death – and to past times between memories and idealizations of Banespa and forgetting the contradictions that founded the banking working relationship. Between history and myth, remembering and forgetting, it considers work of memory in the narratives as strategies of the banking to their claim as the historical subjects and the socio-professional identity, “banespiana identity” before privatization and changes of bank workers in the 2000’s.

**KEYWORDS:** Memory. Biographical approach. Banking

### **Apresentação**

Este artigo analisa construção da memória nas narrativas biográficas de trabalhadores bancários do Banespa (Banco do Estado de São Paulo), privatizado no ano 2000, com a sua compra por um grupo financeiro espanhol, o Banco Santander Central-Hispano. Para tanto, baseio-me em quatro narrativas biográficas de trabalhadores do Banespa – a de Nilton, de Maria, de Grozzi e de Rita<sup>3</sup> – que passaram pelo processo de privatização e já tinham se desligado do banco por ocasião de pesquisa, realizada em 2004.<sup>4</sup>

Situemos brevemente quem são estes trabalhadores. Nilton, 48 anos, ingressou como contínuo no Banespa em 1978, numa pequena cidade do norte de São Paulo, e em 1980 transferiu-se para uma cidade maior, ainda no interior do Estado, como escriturário, tendo se desligado do banco em 2001 no PDV (Programa

---

<sup>3</sup> Por razões de sigilo, os nomes próprios foram substituídos por fictícios.

<sup>4</sup> Trata-se aqui dos resultados parciais de GUSSE, Alcides Fernando. *Pedagogias da experiência no mundo do trabalho: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um banco público estadual*. 2005. 347 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. O trabalho completo está disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000359158>>.

de Demissão Voluntário) como gerente-geral de agência depois de ter sido supervisor na capital e gerente em várias agências do interior paulista. Por ocasião das entrevistas, Nilton vivia com sua família (a mulher, também funcionária do Banco, exercendo a função de escriturária, e dois filhos adolescentes) em um bairro de classe média da mesma cidade na qual se transferiu há anos e estava trabalhando com prestação de serviços de consultoria financeira para clientes, muitos deles que conhecera ainda como gerente no Banco, num escritório próprio montado em sua residência, e estava cursando a faculdade de Direito.

Maria, 50 anos, ingressou no Banespa em 1978 numa agência de uma cidade média do interior paulista (a mesma cidade em que trabalhava Nilton) e desligou-se do banco por meio de uma aposentadoria por tempo de serviço proporcional, obtida em 2002, sempre exercendo a mesma função de escriturária na mesma agência. Na ocasião em que a entrevistei, Maria vivia com o seu marido – Grozzi, também ex-trabalhador do banco – e seu filho num distrito da mesma cidade, e vinha ocupando o seu tempo entre o convívio com os seus familiares e amigos, atividades na paróquia local de sua igreja, cuidados com sua saúde, ir às compras aos shoppings nos momentos de lazer e a dedicação ao projeto da construção de uma nova casa para a família.

Grozzi, 50 anos, ingressou no Banespa em 1975 numa agência do interior paulista como contínuo e se desligou em 2003 por meio de um PDI (Plano de Demissão Incentivado) na função de tesoureiro de uma agência da mesma cidade. Grozzi vive hoje trabalhando com pequenos consertos de equipamentos de informática, prestando serviços para uma pequena empresa do ramo, intercalando o seu dia entre a sua casa e esse trabalho, e aguarda completar o seu tempo para a aposentadoria. Tal como Maria, Grozzi ocupa-se com seus familiares e amigos, embora não tão intensamente quanto sua mulher.

Rita, 39 anos, ingressou no Banespa em 1988 no interior de São Paulo e desligou-se em 2002, quando retornou de uma licença-gestante na última agência na qual estava lotada, na região metropolitana de Campinas, e vive hoje em outra cidade

da mesma região com o marido e dois filhos pequenos. Há mais de um ano montou, com a ajuda do marido, um buffet de festas de aniversários, sobretudo de crianças, após ter se formado no curso de Pedagogia em 2003.

As narrativas biográficas dos bancários do Banespa são tomadas aqui como centrais para análise porque permitem: i) informar sobre os contextos sócio-histórico em que elas se inserem, quais sejam: o das transformações do sistema financeiro nacional e mundial, o da reestruturação do trabalho, particularmente o bancário, e o de uma empresa, o Banespa-Santander; ii) compreender a constituição de subjetividades, já que as narrativas constituem interpretações dos sujeitos na sua relação com o contexto; iii) refletir sobre a interação entre o pesquisador e o pesquisado, uma vez que as narrativas são o resultado dessa interação.<sup>5</sup>

Para o presente artigo, considero que as narrativas conduzem a um percurso no tempo que permite relacionar várias dimensões de suas vidas, apresentadas no decorrer de seus relatos, notadamente as relacionadas à sua experiência como trabalhadores bancários.<sup>6</sup>

A sucessão cronológica dos eventos narrados por Nilton, Maria, Grozzi e Rita poderia ser a forma como se construiria as

---

<sup>5</sup> Tal como Kofes, considera-se três aspectos referidos pela autora quanto às narrativas biográficas: primeiro, ela é uma “*fonte de informação*” sobre o contexto sócio-histórico; segundo, é uma “*evocação*” do sujeito; terceiro, ela é uma “*reflexão*”, resultado da relação entre o biografado e o pesquisador. Cf. KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 117-142, 1984.

<sup>6</sup> Entendendo a noção de experiência como a do agenciamento do sujeito na estrutura social, essa noção permite inter-relacionar, analiticamente, os aspectos das narrativas biográficas aqui considerados na medida em que problematiza as relações entre sujeito e sociedade, e entre biografia e o autor. Nesse sentido, a experiência é entendida, ao mesmo tempo, como subjetiva, social e também crítica, pois incorpora o posicionamento reflexivo do sujeito diante do seu contexto social. Ver: DUBET, F. *Sociologia da Experiência*. Instituto Piaget: Lisboa, 1996; THOMPSON, E. P. O termo ausente: a experiência. In: *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 180-201.

narrativas biográficas de muitos de nós: eventos da infância e da adolescência, da escola, da vida religiosa, da família e do trabalho. Mas as narrativas guardam similaridades entre si: todos trabalharam no Banespa e se desligaram após a privatização.

Contudo, no momento em que eles narram, o fluxo e a intensidade do tempo de suas experiências são regidos pela memória. Quando lhes foi pedido para contar sobre suas vidas é a escolha de lembranças, para eles significativas, que conduz as narrativas: é o tempo de lembrar.

Alguns estudos sobre a memória indicam que o ato de lembrar não é individual ou biológico, mas o vinculam a uma noção de memória entendida como uma construção social. Halbwachs situa os “quadros sociais da memória”, associando a lembrança à memória coletiva, formada ao longo da vida pelas instituições sociais, como família, Igreja, escola, e pela classe social e profissão. A memória coletiva é a do grupo que nos socializamos, a nossa “comunidade afetiva”.<sup>7</sup>

Porém, para Halbwachs, a lembrança é uma “reconstrução do passado”, pois “o que rege em última instância a atividade mnêmica é a função social do aqui e do agora do sujeito que lembra”.<sup>8</sup> Seguindo as ideias de Halbwachs, Bosi considera que é a nossa situação atual que evoca o passado, “que lembrar, portanto, não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.<sup>9</sup>

Contudo, é necessário frisar que as narrativas apresentam as interpretações dos próprios sujeitos diante do contexto sócio-histórico, simultaneamente em que apresentam formas de narrar – e lembrar – as suas experiências no tempo.

Partindo desses pressupostos, o trabalho da memória dos bancários, nas narrativas, constitui um ato de lembrar temporalida-

---

<sup>7</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>8</sup> Apud. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1979.

<sup>9</sup> BOSI, Ecléa. Op. cit., p. 16.

des presentes e passadas, e está relacionado às situações vividas pelos trabalhadores após os seus desligamentos do Banespa no momento em que foram construídas as narrativas.

Este artigo está dividido em partes em que realizarei: (1) uma contextualização histórica, situando a privatização e as mudanças ocorridas no Banespa; (2) a apresentação da construção narrativa dos trabalhadores sobre o tempo presente diante do contexto de mudanças do banco; (3) a análise das temporalidades passadas em que emergem o tempo da história e do mito, da lembrança e do esquecimento acerca de seu trabalho no Banespa; (4) finalmente, algumas considerações sobre o trabalho da memória nas narrativas dos bancários.

### **1. Contextos: privatização e mudanças no Banespa**

A privatização do Banespa e as mudanças dela decorrentes inserem essa empresa e os seus trabalhadores na lógica do sistema financeiro brasileiro, latino-americano e mundial.

Tal lógica, que regeu o ritmo e o fluxo do tempo dessas mudanças, associa-se ao processo amplo de reestruturação do capital com suas novas bases de expansão, a qual Chesnais<sup>10</sup> denominou “a mundialização do capital”. Esse processo tem como base o capital financeiro, tratando-se, antes de tudo, de uma “mundialização financeira”, ainda nos termos de Chesnais,<sup>11</sup> sustentado, segundo o autor, numa economia de mercado orientada por políticas de liberalização, privatização, desregulamentação associadas à abertura dos estados nacionais e ao desmantelamento de direitos sociais.

A mundialização financeira promoveu a abertura financeira da América Latina nos anos 1990 e, particularmente do Brasil, no período do Governo de Fernando Henrique Cardoso. Disso

---

<sup>10</sup> CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

<sup>11</sup> CHESNAIS, François. *A mundialização financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1999.

resultou o enfraquecimento dos bancos públicos e a ampliação da presença de bancos estrangeiros no sistema financeiro brasileiro. Nesse processo, a participação dos bancos públicos diminuiu consideravelmente no conjunto do sistema bancário nacional, mesmo considerando-se ainda peso da participação dos bancos públicos federais, e isso se deveu principalmente à privatização dos bancos estaduais. Segundo dados do Banco Central, dos vinte e nove bancos federais e estaduais, restaram dezesseis bancos públicos em 2000, ano da privatização do Banespa.

Já, quanto à entrada de bancos estrangeiros no país, destacou-se o movimento de bancos espanhóis para o Brasil nos últimos anos da década de 1990. Tal fato relacionou-se, à época, ao crescimento dos investimentos das empresas espanholas no país. Em 1999, a Espanha foi o segundo investidor estrangeiro no Brasil, atrás apenas dos investimentos dos norte-americanos, tradicionalmente os maiores investidores estrangeiros no país. Com a compra do Banespa pelo Grupo Santander, os investimentos espanhóis superaram os norte-americanos no ano 2000: em novembro, os investimentos espanhóis chegaram a 8,3 bilhões de dólares, mais que o dobro dos investimentos norte-americanos que atingiram a cifra de 4,5 bilhões.<sup>12</sup>

De modo geral, as empresas espanholas foram atraídas pelas privatizações das empresas públicas brasileiras, particularmente do setor de telecomunicações, como no caso da empresa espanhola Telefônica que comprou a empresa de telefonia pública paulista, e do setor de energia elétrica; e também foram atraídas pelos investimentos no setor financeiro, favorecidos pelas fusões dos bancos privados, quando houve a entrada de dois grandes bancos espanhóis no país, Bancos Santander e BBVA (Banco Bilbao Biscaya Argentaria).<sup>13</sup>

Notadamente, os investimentos espanhóis cresceram também em todos os países da América Latina nesse período.

---

<sup>12</sup> GUSSEI, Alcides Fernando. *Identidades e nacionalidades: estudo comparativo entre culturas empresariais brasileiras e espanholas*. I Seminário Organizações e Sociedade: perspectivas transdisciplinares. Porto Alegre, 2001. CD-ROM.

<sup>13</sup> GUSSEI, Op. cit.

Grandes empresas espanholas passaram a ter presença forte no mercado latino-americano nos mesmos setores que passavam a atuar no Brasil. Assim, em 2000, a Espanha era também o maior investidor na Argentina, superando os Estados Unidos, com a entrada de empresas espanholas de petróleo, gás, energia elétrica e telecomunicações naquele país.<sup>14</sup>

Nesse contexto, ocorreu a expansão do Santander para a América Latina. Esse banco está presente em países como Chile, México, Peru, Argentina, Venezuela, Uruguai, tendo incorporado bancos públicos e privados nesse continente. No Brasil, o Santander adquiriu o Banco Geral do Comércio, em seguida o Banco Noroeste, em 1997, e o Banco Bozano Simonsen (ex-Banco Meridional), em 2000, e, finalmente, em novembro desse mesmo ano, arrematou o leilão de privatização do Banespa. Em novembro de 2000, o grupo espanhol tinha a metade dos seus funcionários alocados na América Latina e suas filiais nesse continente produziram 45% de seu faturamento anual global.<sup>15</sup>

Se a privatização insere o Banespa na lógica em que operam o sistema financeiro mundial, como face dessa mesma lógica, a privatização se dá no quadro de reestruturação do trabalho bancário no país em curso desde os anos 1990. Essa reestruturação aponta para inúmeras mudanças do trabalho bancário, tais como: a passagem do bancário “tradicional” para um trabalhador “vendedor-negociador”; a redistribuição dos trabalhadores entre funções, setores e cidades; a transformação na estrutura de cargos, com crescentes demissões; a diminuição de salários; a informatização e terceirização de serviços; o aumento da escolaridade e a crescente feminização do trabalhador bancário.<sup>16</sup> Deste

---

<sup>14</sup> GUSSEI, Op. cit.

<sup>15</sup> GUSSEI, Op. cit.

<sup>16</sup> Apud. JINKINGS, Nise Maria. As Formas contemporâneas de exploração do trabalho nos bancos. In: *Dossiê: O Avesso do Trabalho*. Idéias Ano 9 (2) – 10 (1) *Revista do IFCH/UNICAMP*, 2003; SEGNINI, Lilliana Rófsen Petrili. Reestruturação nos bancos no Brasil: desemprego, sub-contratação e intensificação do trabalho. *Educação & Sociedade*, n. 67, Campinas, CEDES, agosto de 1999.



quadro de reestruturação, depreende-se um processo geral de precarização do trabalho bancário.

Os efeitos dessa reestruturação foram maiores nos bancos públicos, como é o caso do Banco do Brasil,<sup>17</sup> e entre os antigos bancos públicos estaduais, como é o caso do Banespa, que passaram a operar segundo a lógica de bancos privados. Assim, as diferenças historicamente construídas entre os trabalhadores dos bancos privados e os dos bancos públicos, principalmente no tocante à estabilidade de emprego e à conquista ampliada de direitos trabalhistas desses últimos foram se estreitando e, em decorrência disso, os trabalhadores dos bancos públicos perderam a importância política e sindical que tiveram no século passado.<sup>18</sup>

A reestruturação do trabalho bancário trouxe impactos para os trabalhadores do Banespa. Em meados da década de 1990, ainda como banco público, já se verificava elementos que os inseriam no processo geral de reestruturação do trabalho, tais como: a redução dos postos de trabalho e conseqüentemente o desemprego, a terceirização dos serviços, a perda salarial e a intensificação do trabalho.

Com a privatização, as medidas implantadas pela nova Diretoria do Santander, notadamente entre 2000 e 2002, esse processo foi consolidado. Tais mudanças inserem o Banespa na lógica do capitalismo financeiro mundial. O ritmo e o fluxo dessas mudanças foram (im)postos pelo tempo do capital. Vejamos, contudo, como as narrativas biográficas dos trabalhadores bancários referem-se a esse processo de mudanças do tempo presente.

## **2. Temporalidade presente: terror, desligamentos e mortes**

A privatização e a entrada da nova gestão do Santander são representados pelos trabalhadores nas narrativas por meio do autoritarismo, da pressão e do medo. Para Nilton, Maria, Grozzi e Rita, as mudanças ocorreram de forma abrupta e autoritária no

---

<sup>17</sup> Ver RODRIGUES, Léa. Carvalho. *Metáforas do Brasil: demissões voluntárias, crise e rupturas no Banco do Brasil*. São Paulo: Anna Blume/Fapesp, 2004.

<sup>18</sup> JINKINGS, Nise Maria. Op. cit., p. 243.

contexto de uma cultura do terror implementada pela nova gestão do Santander, como na fala de Nilton, à época gerente-geral de uma agência de Campinas, interior de São Paulo, sobre esse período após a privatização:

O toque era mais ou menos de militarismo, de ditadura. ‘– Peço isso, não questione!’ Até mesmo porque você tem que preservar, pois você está empregado: ‘–Não questione, cumpra!’ [Eu tinha sugestão] Até para melhorar era possível, é que eu não tinha coragem – não é que eu não tinha coragem, eu, se fosse ver na [Administração] Regional, uns trinta e tantos, uns trinta e nove, ninguém tinha coragem de abrir a boca!<sup>19</sup>

As imposições da nova Diretoria traduziam-se no cumprimento de novas metas de produtividade que, do ponto de vista das narrativas dos bancários, eram impossíveis de ser cumpridas. A cultura do terror, portanto, está associada às pressões que passaram a sofrer para o cumprimento dessas metas. Nilton conta como isso se dava entre os gerentes:

[As reuniões da Diretoria ocorriam] Da mesma forma. Comentário do próprio [gerente] regional, que a reunião era desse jeito: ‘Ô beleza, por que você não fez isso aí?’ ‘Ô bonitão, explica aí para nós por que você não resolveu?’ A reunião era desse jeito. Hoje já não sei mais, porque já não converso com ninguém, que é Regional, mas, na época entre 2000 e 2001, um ano, um ano e pouco que eu fiquei lá, as reuniões eram desse jeito. E outra: as reuniões que a gente fazia antes da privatização, que era meio expediente, uma vez por mês, você discutia o mês inteiro, até mês que passou e o mês futuro, que a gente fazia uma reunião de meio dia, a reunião passou a ser o dia inteiro, e sem horário de almoço. Direto! Começava às sete e meia da manhã e ia até dez horas, onze horas da noite! Com um lanchinho aí! Todo mundo expunha resultado. Todo mundo era humilhado!<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

<sup>20</sup> Idem.

Da mesma forma, Maria, como escriturária, no seu posto de atendimento, sofria as pressões de seus superiores:

Pressão do gerente, de chegar e falar assim: 'Você vem trabalhar hoje?', quer dizer, 'Se você vendeu, você vem trabalhar! Se você não vendeu, você não vem trabalhar? Certo? E você tem que vender! Agora, você veja bem, que nem... férias nas agências. Tem gerente que chega pros funcionários e fala: 'Você vai tirar os trinta dias? Pra que tirar os trinta dias? Tira vinte!' ... Eu chegava lá sete horas da manhã, sendo que o meu horário era das dez as dezesseis na folha de trabalho. Mas eu chegava sete horas da manhã e saía de lá oito horas, oito e meia. Você está entendendo? Então, por que... por que eles me pressionavam muito assim? 'Não, porque você não vendeu!', sabe, de chegar em reunião e falar: 'Pô, fulano! Você não vendeu nada!'<sup>21</sup>

A cultura do terror referida relaciona-se ao autoritarismo e às pressões, mas a isso se soma o medo. Na verdade, o medo de perder o emprego caso não atingissem as metas. A estabilidade no emprego foi um dos pilares no qual se estruturaram as relações de trabalho no Banespa e vinculava o passado e o futuro das trajetórias de seus funcionários, e, nesse sentido, a perda do emprego gerava um grande temor, fundado na insegurança, para o funcionário do Banespa, como se refere Nilton:

O medo principal era perder o emprego. Um medo muito grande porque eu fiquei vinte e três anos em uma mesma empresa, que eu me dediquei realmente. Não só me dediquei, como eu fiz carreira dentro do banco: entrei como contínuo-estagiário e cheguei a gerente-geral de agência. Então, eu tinha a intenção de me aposentar dentro do banco. Dentro de uma filosofia de vida decente.<sup>22</sup>

A perda da estabilidade do emprego foi utilizada como forma de forçar a implementação de algumas medidas pela nova gestão

---

<sup>21</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

<sup>22</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

do Santander. Nesse contexto, foi lançado pela nova gestão o PDV (Programa de Demissão Voluntária), em 2001, que resultou no desligamento de mais de 8.000 funcionários. Nilton conta que, no período de vigência do PDV, os gerentes tinham metas de demissões nas agências a cumprir:

Não se divulgam, mas, o gerente-geral, o gerente-administrativo, ele teve metas para mandar um certo número de funcionários embora por agência. O gerente-geral, não, porque eu era gerente-geral, e eu defendia quem quisesse ficar. O gerente-administrativo, eles separaram da agência, deram uma autonomia para o gerente administrativo, e ele tinha meta de número de funcionário para ser demitido. Tanto do gerente-geral até todo mundo. Tinha que conseguir [a meta] Tanto que ligavam todo o dia, de hora em hora, cada meia hora: 'Quantos têm? Quantos têm? Quantos aderiram? Quantos assinaram? Que número que você tem?' E logicamente se o gerente-administrativo de uma agência tinha, o Regional também tinha. Tinha que mandar um certo número: 'Nós precisamos oxigenar!' Oxigenar que jeito?<sup>23</sup>

Maria também conta que foi pressionada a sair pelo seu gerente:

Aí, veio esse PDVzão [Programa de Demissão Voluntária] aí, muitas amigas minhas saíram. Foi bem constrangedor mesmo! Mas [...] não é que a gente se sentiu coagido assim! Os outros, eu não posso falar pelos outros! Mas, por mim, o [cita o nome], duas vezes, ele chegou pra mim e falou: '– Maria, você vai sair no PDV?', eu falei: '– Não!', depois faltava acho que um tempinho pra mim, ele chegou e falou: '– Maria, você vai sair no PDV?', eu falei assim: '– Eu não vou sair no PDV! Já até rasguei o meu papel!' ... Mas saiu aquele monte de gente, né? Só da nossa agência foi vinte e três! Eu sei que tinha agência aí saiu... acho que se tinha vinte funcionários, saiu quinze!<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

Os efeitos do PDV foram traumáticos, sobretudo para Nilton, forçado a se desligar, mesmo tendo manifestado publicamente o seu desejo de permanecer na empresa. Esses traumas reforçaram a percepção sobre a forma autoritária na qual ocorreram as mudanças.

A cultura do terror levou ao sofrimento e à doença. Nilton sofreu crises de hipertensão arterial no período e foi abatido pela depressão depois do desligamento:

Então, quando [O seu gerente] falou assim: ‘– Você não serve mais para nada!’ Então, eu não sou nada! Realmente, veio a carga inteira! Talvez esse ‘eu não sou nada!’ tivesse ligado também a minha debilidade física, psíquica... Por que você tem infarto? Entupiu a veia? Não, é um conjunto de coisa! Você não dorme, você fuma muito, você é sedentário, perde a mãe, pega fogo em casa, perde emprego! Enfarto! Parei no hospital, quarenta e dois anos, eu tive que correr lá: ‘– Está alterado! Você precisa ir com calma! Você precisar tomar um comprimidinho aqui e daqui um mês a gente se vê!’ Então, o que é? Um conjunto de coisa. Então, eu não sou nada, então eu não sirvo para nada!? Então, eu não presto pra nada!? [Pausa] A depressão – eu vou falar uma coisa pra você – eu não desejo pra ninguém. Por mais inimigo que seja, eu não desejo pra inimigo. Você perde a essência da vida!<sup>25</sup>

Maria, mesmo não tendo saído no PDV, fala do seu sofrimento e o de seus colegas de trabalho de posto de serviço, acentuados pelo clima de distensões, conflitos e competições entre eles, sobre o qual ela conta:

Ah, eu sofri! Olha, eu vi aquele povo lá. Ah, meu pai! Ah, eu me sentia muito mal! Nossa! Nem fale! Você... Você sabe o que é você chegar ... seis e meia, sete horas da noite e você já tava lá dentro às sete e meia, horas da manhã. E você ouvir picuinha de um... sabe? De gerente... porque um quase enforca o outro! Porque tem

---

<sup>25</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

que vender! E você vê lá um amigo seu... Puxa vida! Olha, eu tinha que fazer um seguro de auto e eu não fiz! Porque tinha meta! E a meta, agora, se não me engano, é feita até no computador...<sup>26</sup>

Isso trazia uma instabilidade emocional que a contagiava: “Fui lá pra dentro, fui lá pro banheiro. Comecei a chorar, chorar, chorar... e falei: ‘– Ai, meu Deus! Será que eu mereço isso?!’ Foi passando, foi passando...”<sup>27</sup>

Grozzi, após a privatização, foi transferido da agência em que trabalhou por mais de 25 anos para exercer o cargo de tesoureiro em outra agência da cidade. Conta como foi se sentindo isolado nesse novo contexto, o que resultou no seu adoecimento:

Na [na agência] eu acabei ficando lá dois anos e pouco... eu gostava de trabalhar lá e tal. Eu estava dizendo, a maioria dos antigos lá era muito antigo. [...] É! Muito! Então tinha o [cita o nome] que era um cara que ele acabou se afastando, ele estava doente. Bem mais velho! Neurótico, neurótico!... A [cita o nome] que era supervisora saiu; a [cita o nome] era supervisora, saiu; o [cita o nome] saiu. No PDV... Sabe, saiu muita gente no PDV, antigos, caixas antigos, tudo! Aí acabou ficando eu, eu, eu e eu, sabe, de antigo! Então todo mundo que precisava de alguma coisa sabia quem era o Grozzi porque você falava ‘Grozzi’ aqui, todo mundo sabia, na [agência], no centro, em qualquer lugar. Eu era bastante conhecido porque eu era... eu me envolvia muito com o banco, quando a época de diferenças [de dinheiro no caixa], essas coisas, de planos... Sabe, esses planos de governo, louco para solucionar problema, tirar dinheiro do povo, então, nossa, aquilo era um horror! Então todo mundo perguntava para mim: ‘– Como é que faz isso? Como é que faz aquilo?’ É! [Passou a ser o] Mais antigo [funcionário]! Eu era o mais antigo da [ agência] Então começou a contratar caixa, estagiária, o pessoal não sabe nada e começa a questionar: ‘– Pode fazer isso? Pode fazer aquilo? Pode não sei o quê?’ E era todo dia. Então era muito dinheiro. [A referida agência] mexe com muito dinheiro, muita gente, sabe? E a gente chama aquilo lá

---

<sup>26</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

<sup>27</sup> Idem.

de curva de rio, tudo quanto é enrosco pára por ali porque tem todos os terminais de ônibus e ela fica no centro dos terminais de ônibus. Então o povo entra lá. Então era muito dinheiro falso! Era um Deus nos acuda. E aí, eu fui ficando 'neuroticão', fui ficando louco e falei: '– Ah, não!' Porque fui ficando nervoso, esgota tudo de uma vez, eu não tinha mais paciência com nada, entendeu? Eu tive que ficar afastado, fiquei afastado tomando remédio anti-depressivo...<sup>28</sup>

Rita, após a privatização, transferiu-se da capital para a agência do interior, na região de Campinas. A princípio, criou algumas expectativas de continuidade na empresa recém-privatizada, tentando inserir-se na nova lógica que passava a vivenciar, que conhecia de outros processos de privatização:

E a gente já tinha visto o exemplo da [empresa espanhola] Telefônica, que as coisas aparentemente tinham mudado, tinham melhorado. Então nós ficamos até um pouco mais tranquilos, a gente ainda não tinha tantas informações. Mas a verdade é essa mesmo: o banco melhorou 80% do que tinha, não em material de pessoas, não é? Em material físico mesmo, a parte de informática, a parte de layout de agência, isso aí ficou, assim, super moderno, coisa de Primeiro Mundo. Naquele momento, eu pensei isso tudo, aí eu fui bem individualista, eu falei: '– Agora é uma chance, eu tenho que continuar suando a minha camisa, vou continuar dando tudo de mim!'. E realmente, no começo de janeiro, que as coisas já ficaram... foram se encaixando, porque em dezembro ainda ficou aquele: não sei, ninguém sabe de nada, mas, em janeiro, as coisas começaram a tomar um certo rumo. E nós tínhamos as metas, eu sempre cumpria, a agência cumpria, era aquela coisa".<sup>29</sup>

Todavia, Rita não teve oportunidades na nova agência e foi preterida na promoção:

---

<sup>28</sup> Grozzi, entrevista realizada em 2004.

<sup>29</sup> Rita, entrevista realizada em 2004.

Daí, indicaram, contrataram pessoas de fora, de outras instituições, sem experiência alguma, até essa supervisora, que eu comentei no início, ela que foi, assim, que me deu muito apoio: ‘– Olha, vamos lá conversar!’ Ela teve que lutar muito para conseguir o cargo que ela está hoje, ela teve que provar e continuá provando que ela era competente, que ela conseguia resultados com o cargo. Não queriam dar o cargo para ela por ela ser mulher, então isso aí nós percebemos, que o gerente novo, ele tinha... ele tinha... ele era um pouco preconceituoso nesse aspecto e a que veio de fora, porque era muito bonita, gostosa, chamava a atenção. E era isso mesmo!<sup>30</sup>

Por isso, aderi ao PDV, prorrogando sua saída por mais um tempo, pois ficou grávida de seu segundo filho. Segundo ela, saiu porque: “A mágoa tomou conta de mim, aí... sabe assim?”<sup>31</sup>

Quando lembram de seus desligamentos do Banespa remetem à mortes, metaforicamente, como contraponto à sua vida atual que tentam reconstruir fora do Banco. Assim, Nilton lembra a morte da mãe:

Nós perdemos ela [a mãe] em 95. Ela sempre trabalhou muito porque nós éramos em seis irmãos. A gente era muito pobre, muito simples e ela fazia bolo, ela fazia bala pra fora, salgadinho pra fora até para poder manter o orçamento da casa, manter... Então, pra que a gente ficasse... pelo menos nunca faltou arroz e feijão em casa. Muito por parte dela, por parte da educação dela. Quando eu me lembro dela, ela não encostava a mão em um filho pra bater. Tenho saudade de não ter a convivência dela hoje.<sup>32</sup>

E rememorando a morte da mãe, fala sobre o seu desligamento do Banco:

Você já perdeu algum ente querido ou não? Você já perdeu a mãe?...  
Minha mãe morreu em 95. É a mesma coisa. Em função da dedicação

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.



que eu tive com a empresa. Sabe? É a mesma coisa de você perder um ente querido, um ente próximo, que você quer agarrar e não tem aonde. [A sensação era] De morte mesmo! Falar: ‘– Poxa, vida! Eu não acredito!’<sup>33</sup>

Maria, por sua vez, lembra, frequentemente, em sua narrativa, de seu irmão já falecido, do afeto que sentia por ele e das dificuldades que ainda tem de falar de sua morte:

Eu fui voltar em Ubatuba [litoral norte de São Paulo, onde o irmão morreu assassinado] agora... um mês... no mês passado. Eu voltei lá em fevereiro. [Depois do acidente], nunca mais fui pra lá. Nunca fui pra lá! A minha irmã falou assim: ‘Ah, vamos que a gente tem que tirar esse fantasma da vida da gente!’ Eu falei: ‘Ah, vamos! Não sei...’. Foi indo e agora a gente fala com mais... mais assim... mas é duro de falar! A gente sente falta...<sup>34</sup>

Juntamente à morte do irmão, Maria conta o que deixou quando saiu do Banespa, como referência a um tempo perdido, de tantos afetos, entre o trabalho e a família:

Ah, também, quando ficaram sabendo [de sua saída]. O [cita o nome] que trabalhou comigo, gente do céu, vinte e quatro anos ali juntos! a turminha... E a turminha assim, por exemplo, os estagiários: ‘– Ah, você vai embora?! Puxa vida! Quem vai trazer bala pra mim? Quem vai dar bombom pra mim?’, ‘– Pôxa! Quem vai chegar e falar ‘Bom dia!’?’ Porque eu... Olha, por mais doente, por mais insatisfeita, eu nunca fui uma pessoa negligente! Nem no meu serviço e nem nas minhas amizades! Nunca! Desde a faxineira, sempre levei roupa quando não servia, sempre levei um doce. Eu comprava assim aqueles pingos de leite, eu deixava na mesa de cada um, ou aqueles dadinhos. Sempre! Isso daí eu sempre fiz assim e sempre consegui conciliar, Alcides!<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

<sup>35</sup> Idem.

Grozzi associa o desligamento do banco à morte do pai e à sua própria depressão – quase morte – vivida no período anterior à sua decisão de desligar-se:

Sabe que começa a me dar umas regressões nessas histórias e eu começo... e você sabe, eu estive conversando com pessoas que... quando você tem esses problemas depressivos, que eu achava assim que era uma coisa de fresco, mas não é! Eu... começou pelo falecimento do meu pai, que foi assim... Tudo bem que ele estava sofrendo, estava doente e eu não ia em médico, ficava numa boa e... eu tinha ido num cardiologista e o cardiologista fez os exames, deu colesterol alto, aquelas coisas todas e ele falou: ‘– Oh, você vai fazer um tratamento...’, já deixou um guia de exames e ‘– Daqui 30 dias mais ou menos você me liga para marcar! Novo exame. Você faz o exame e traz, aqui, o novo resultado para mim ver se o exame caiu.’ E eu não voltei [...] Eu falei: ‘– Não, é porque falta tempo, a gente não tem tempo de ir’, tal. O Dr. [cita o nome] atende de sábado, aí eu fui num sábado, o Dr. [cita o nome] me atendeu, eu levei o resultado na outra semana, que aí ele foi pedir para a minha gerente: ‘– Não, [cita seu primeiro nome], leva lá, não tem importância, eu fico com a chave [da tesouraria, de que era responsável] aqui. Porque é assim, a complicação no banco, eu sou tesoureiro, a responsabilidade do tesouro, que está lá dentro, o dinheiro, é minha. Ela marca, dizendo que eu sou o responsável, daí eu chego e falo assim: ‘– Eu preciso ir no médico’, ‘– Ah, deixa a chave comigo.’ Aí, eu deixo a chave com você, mas eu não passo uma ata, dizendo que a chave que está sob sua responsabilidade, sabe? [...] E aí ele [o médico] é bastante jovem e eu com a minha idade toda, deu um mal estar, assim, de repente, aí eu perdi os sentidos, eu caí em prantos, comecei a chorar no médico e acabei ficando quatorze dias afastado, tomando corticóide, psiquiatra, psicanalista, sei lá mais não sei o quê, [ ] Ele me deu remédio. Eu tomava anti-depressivo...<sup>36</sup>

Por ocasião das entrevistas, realizadas em 2004, para todos eles, as narrativas constroem referenciais de um tempo presente.

---

<sup>36</sup> Grozzi, entrevista realizada em 2004.

As narrativas desses trabalhadores sobre este tempo contrapõem à lógica – e ao tempo – do capitalismo global contemporâneo e das estratégias dos bancos, denunciando a forma como se deu a privatização e as mudanças no Banespa. O tempo presente constitui um período associado à nova gestão autoritária do banco privatizado, que levou às doenças e, simbolicamente, às mortes, e resultou finalmente nos seus desligamentos. E a partir desse tempo presente, rememoram as temporalidades passadas.

### **3. Temporalidades passadas: entre história e mito, lembranças e esquecimentos**

O período imediatamente anterior à privatização, correspondente à intervenção e federalização do Banespa entre 1995 e 2000, foi, comparado ao da privatização, o de um tempo em que presenciaram inúmeras mudanças no Banco, mas também foi um tempo de esperanças, pois se podia acreditar ainda que haveria um caminho alternativo à privatização do Banco.<sup>37</sup>

Nilton fala que, durante a intervenção federal, as mudanças foram brandas, interpretando, por exemplo, as demissões desse período como ajustes necessários, diferentemente de como viria a ocorrer quando da privatização. Isso se justifica porque o banco ainda manteve a estrutura de uma empresa pública:

Dentro deste período, o Banco manteve a estrutura de Banco, porém como um banco federal. Nós éramos equiparados a uma Caixa Federal, Banco do Brasil, Deixou de ser estadual. A administração do Banespa nesse período foi de funcionários de carreira do Banco Central, ou seja, [foi] federal.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Em dezembro de 1994, o Banco sofreu intervenção do Governo Federal através de um acordo realizado com o então Governador eleito Mário Covas, sendo que em janeiro de 1995 iniciou-se o Governo de Fernando Henrique Cardoso que preparou o Banespa para a privatização.

<sup>38</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

Maria conta que esse período foi de muitas mudanças, principalmente com as demissões do período, lembrando também que, por isso, ela mudou de setor, saindo do atendimento ao cliente para o serviço de compensação, e houve a intensificação do trabalho. Mas, mesmo assim, os funcionários de sua agência mobilizavam-se para mostrar que o Banco, nesse período, poderia ser viável como uma empresa pública:

Ah, foi difícil pra gente, viu? Ainda mais... eu vou te falar assim... Foi difícil pra nós banespianos, aqueles que vestiram a camisa do banco... do Banespa! Isso, pra nós, foi terrível!... As pessoas iam saindo, pessoas que eram seus amigos, que trabalhou ali durante ... quinze anos juntos... dezoito anos juntos... Depois um olha pra outro e você: '– Ah, cadê fulano?! Fulano não veio por quê?', '– Ah, fulano não veio porque foi lá para o [cita o Posto]!', aí um caixa... aí chegava um cliente pra você: '– Pôxa, não é...', '– Ah, fulano está lá no Básico, fulano está lá na Reitoria!'... é duro isso! É, você vai perdendo o chão também porque estou acostumada, apesar de você já não sair tanto com aquele povo, mas você está acostumada com aquele povo todo dia ali: '– Bom dia, Maria!', '– Bom dia!', '– Bom dia!'<sup>39</sup>

Grozzi fala dos impactos que mudanças decorrentes da intervenção provocaram, sobretudo quanto ao temor do desemprego:

Eu tinha medo de perder o emprego, eu fiquei até neurótico, uma época eu fiquei até doente aí. [...] É [na época] da intervenção, pronto, estou na rua. Não tenho curso superior, vou sair daqui, vou fazer uma ficha no Bradesco ou no Itaú, que eu sou bancário, porque bancário, na verdade, não é nem profissão, não é? [...]O medo era geral, tanto é que você vê aí que muitos funcionários hoje, percebeu que ia ser mandado embora, ele se afastou por LER, problema cardíaco, doença nervosa.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

<sup>40</sup> Grozzi, entrevista realizada em 2004.

Mas lembram também que esse período foi de esperanças, como Maria refere-se: “Eu tinha esperança que não [refere-se à privatização], tanto é que eu sempre falava pra turma: ‘– Olha, eu não falei?! Mais um ano!’ Quando chegava no final do ano eu falava: ‘– Gente, mais um ano! Mais um ano!’, ‘– Oh!’, ‘– Você vai ver! Mais um ano!’”<sup>41</sup>

Uma esperança traduzida por Nilton como uma possibilidade do banco não ser privatizado e de não ocorrerem mais demissões: “Nunca [achava que o banco ia ser privatizado]! Duas coisas que nunca passaram pela cabeça de um funcionário decente: o banco não vai ser privatizado e nós não vamos sair do banco. Não pensava, nem passava pela minha cabeça!”<sup>42</sup>

Rita sempre tivera, desde quando ingressou no banco, participação no movimento sindical, sendo membro da diretoria do sindicato de sua cidade no início dos anos 1990. Ela conta sobre as mobilizações dos funcionários contra a intervenção no período, articuladas pelo Sindicato dos Bancários e pela AFUBESP (Associação dos Funcionários do Banespa), realizadas quando ela trabalhava numa agência na capital paulista:

Aí, teve uma união dos grupos [dos movimentos sindicais] nesse momento, teve uma união dos grupos, eles tiveram uma prévia, vamos dizer assim, não é? E teve uma união para eles... num único pensamento: acabar com a intervenção. E, antes da intervenção, eles não conseguiam fazer nada, porque foi tudo muito rápido, não tinha, assim, uma certeza absoluta que ia ter a intervenção, foi uma ação muito rápida do Governo Federal. E o Governo Federal era, então, o Fernando Henrique do PSDB, não é? Foi tipo um golpe de estado praticamente, foi, assim, uma maneira de manipular os últimos dias do antigo governo, mas... então não teve muito o que fazer, mas, depois, a partir do momento da intervenção, foi tendo muita... foi aquilo que eu falei para você. Eu não me lembro mais dos fatos, mas teve muitos movimentos em 94, foi um ano bem atípico.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

<sup>42</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

<sup>43</sup> Rita, entrevista realizada em 2004.

Contudo, Rita fala ainda sobre a empresa no período da intervenção como um período de estabilidade, mesmo o fazendo comparando ao período posterior, o da privatização:

Então tudo isso foi um processo para depois ia ter, assim... mas isso aí estava acontecendo em todas... em várias empresas estatais, primeiro a intervenção, depois a federalização e depois a venda para capital estrangeiro, então isso aí assustava muito aos funcionários. E o bom, o que aconteceu, depois de um ano de intervenção, foi feito um balanço depois que aconteceu, nenhum cliente abandonou o banco, mesmo os grandes investidores, os funcionários, mesmo aqueles de alto cargo, conseguiram manter com toda aquela instabilidade, porque você sabe que uma intervenção cria uma instabilidade e quem tem muito dinheiro não vai querer ficar nesse [banco]?<sup>44</sup>

As narrativas apontam para as contradições deste período, das lutas contra a possível privatização do Banespa, e, sobretudo evidenciada na fala de Rita, da luta sindical do período contra esse processo. Da posição política de Rita, por exemplo, calcada na sua experiência como sindicalista, emerge uma representação do Banespa de um período em que os funcionários tinham maior participação nas decisões e nos rumos das mudanças. As narrativas expõem que o Banespa e os seus trabalhadores tinham alguma chance de reverter o caminho que levou o banco à privatização e algumas mudanças anunciadas nesse período, sobretudo no tocante à precarização das condições de trabalho do banco.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Para uma análise pormenorizada das mudanças desse período, remeto a NESPOLI, Roseli Granzo. *Da solidariedade à competitividade: caminhos da privatização*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Campinas, 2004; SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. *Reestruturação nos bancos no Brasil: desemprego, sub-contratação e intensificação do trabalho*. *Educação & Sociedade*, Campinas, 67, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173301999000200007&script=sci\\_arttext&tng=e](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173301999000200007&script=sci_arttext&tng=e)>. Acesso 09 nov. 2009; SILVA, Eduardo. *Demissões (in) voluntárias e subjetividade*. 2000.

Todavia, a forma como narram esse período vai apresentando certo abrandamento dessas mesmas contradições apontadas que, se as narrativas não as deixam de negar – ou de lembrar – ao mesmo tempo apresentam-na em menor intensidade à medida que os bancários vão lembrando o passado em comparação ao tempo presente, da privatização, esse sim um período de conflitos, entre o autoritarismo da nova Gestão Santander do Banespa, as pressões e o medo, que resultou, enfim, nos seus desligamentos – um período, metaforicamente, de tantas mortes.

O tempo passado, lembrado pelos bancários, vai se configurando como uma “Idade Mítica” que, segundo Le Goff, seria a representação de épocas “excepcionalmente felizes ou catastróficas” nas quais as sociedades humanas constroem para “dominar o tempo e a história e satisfazer aspirações de felicidade e justiça ou os temores face ao desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos”.<sup>46</sup>

O tempo da memória do Banespa antigo apresenta-se como uma “Idade de Ouro”, a forma como são imaginadas as Idades Míticas referidas por Le Goff: “perspectivam outra idade feliz, no fim dos tempos, quer como tempo de eternidade, quer como a última época antes do fim dos tempos”.<sup>47</sup> Essa “época antes do fim dos tempos” seria a representação do tempo passado do Banespa, anterior ao da privatização.

Os trabalhadores narram esse tempo atrelando suas trajetórias de vida a esse Banespa antigo, o da “Idade de Ouro”. As suas falas apresentam a ideia da felicidade vivida no banco do qual se sentem tributários. Assim é que Nilton refere-se ao Banco: “O Banco me deu tudo: patrimônio, esposa e filhos”.<sup>48</sup>

Nesse mesmo sentido, Maria, tentando convencer-me do que significou o Banespa para ela, diz: “O banco, naquela época, oh

---

Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

<sup>46</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 283.

<sup>47</sup> LE GOFF, J. Op. Cit, p. 283.

<sup>48</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

Alcides, ele era ótimo! Não vou nem falar bom. O banco era ótimo! O banco era mãe, pai, avô, irmão de todo mundo, tá? Porque em tudo, não vou falar só financeiramente não! Em tudo porque eu lembro...”.<sup>49</sup>

É possível compreender o sentido histórico dessa representação feita pelos bancários sobre essa época do Banespa, a “Idade de Ouro”. Trata-se de pensar, no trabalho da memória, a vinculação a um sentido de pertencimento a uma empresa que, no passado recente, agregava o corpo funcional do Banespa: trata-se da “identidade banespiana”.

A trajetória dos funcionários no Banespa diferenciava-se das trajetórias dos outros funcionários dos bancos privados, seja pelos direitos trabalhistas conquistados pelos “banespianos”, tais como: planos de saúde e previdência complementares próprios, geralmente não existentes nos bancos privados; seja também porque as trajetórias na empresa estão intimamente associadas à própria vida privada desses funcionários, que se encontram costumeiramente nas festas, nas confraternizações e nos jogos de fim de semana realizados nos clubes do Banespa existentes em várias cidades, os chamados “banespinhas”, onde se constituíam redes de sociabilidades, fora do universo do trabalho, entre amigos, namorados e casais de funcionários que constituíram suas famílias.

E ser “banespiano” se vincula à função social associada ao Banespa como um banco público, que extrapola os limites dos negócios da empresa e revela um sentido de cidadania. Assim, os “banespianos” participavam, no passado, de projetos sociais, como é demonstrado pela organização das APABEXs (Associações dos Pais de Filhos de Excepcionais do Banespa), ABAS (Associação Banespiana de Assistência Social) e os Comitês Betinho de Solidariedade contra a Fome, organizados pelos funcionários de algumas agências. Ainda, essa identidade se relaciona a uma ligação muito estreita dos “banespianos” com comunidades locais, principalmente com as pequenas e médias cidades, sobretudo paulistas.

Essa “identidade banespiana” evoca elementos que remetem às trajetórias profissionais e pessoais de seus funcionários,

---

<sup>49</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.



mas também à trajetória da própria empresa compartilhada por segmentos da classe média, notadamente no Estado de São Paulo. O Banespa era uma empresa identificada publicamente como uma “empresa paulista”, associada, historicamente, a um projeto de desenvolvimento do próprio Estado, como atesta, por exemplo, o papel de grande financiador que o Banespa sempre ocupou na agricultura paulista, assim como sua inserção junto à administração pública do estado e seus funcionários. O Banespa marcou, particularmente, o imaginário dos paulistas, evidenciado, por exemplo, pelo próprio prédio da sua agência central na capital, um dos ícones arquitetônicos da cidade.

Finalmente, pode-se frisar o significado da categoria dos “banespianos” junto à categoria dos bancários como segmento importante pela sua grande representatividade junto à conquista de direitos sociais e luta sindical, destacando-se no conjunto dos trabalhadores brasileiros.<sup>50</sup>

A privatização e as mudanças implementadas pelo Santander colocaram em risco a “identidade banespiana”. Essas tornaram incertas as trajetórias dos funcionários do Banespa quanto à possibilidade de continuarem a ser “banespianos”, ou mesmo “ser banespianos” em outro contexto, na nova empresa espanhola. Muitos dos direitos dos trabalhadores do Banco, historicamente conquistados, foram extintos e houve um quadro geral de precarização e intensificação do trabalho bancário, já apontados por diversos estudos,<sup>51</sup> o que seria identificado como “o fim dos tempos”, referido por Le Goff.

---

<sup>50</sup> Ver CÂNEDO, Letícia Bicalho. *Bancários: movimento sindical e participação política*. Campinas: Unicamp, 1986.

<sup>51</sup> Remeto a JINKINGS, Nise. *O mister de fazer dinheiro: automatização e subjetividade no trabalho bancário*. São Paulo: Boi Tempo, 1995.; \_\_\_\_\_. *Trabalho e resistência na fonte misteriosa: o bancário no mundo da eletrônica e do dinheiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002; RODRIGUES, Léa Carvalho. *Metáforas do Brasil: demissões voluntárias, crise e rupturas no Banco do Brasil*. São Paulo: Anna Blume/Fapesp, 2004; SEGNINI, Líliliana Rolfsen Petrilli. Constantes recomeços: desemprego no setor bancário. In: BRUSCHINI, C.; PINTO, C. R. (Org.). *Tempos e lugares de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2001.

A “identidade banespiana” é reforçada nas narrativas pelas lembranças ao passado, pois esses vínculos identitários foram rompidos com a privatização e as mudanças no Banespa. Sobre isso, Nilton refere-se em alguns trechos de sua narrativa:

No momento do Banco, antes da privatização, era uma empresa [frisa] Então, ali naquela empresa, se você está dentro de uma empresa que tinha aquele histórico, que tinha aquele passado, você tinha aquela vida de futuro, você tinha que projetar aquilo ali.

... Não tinha muito contato [com os bancários dos bancos privados]. O que eu tive contato com uma irmã minha que trabalhou no Bradesco. Tinha diferença. A visão que dela, que ela tinha do Bradesco, é a visão que nós temos hoje com o [Grupo Espanhol]! E já ele tinha lá trás... [A diferença era] Por ser um banco privado e não ter a garantia do emprego. É o que hoje acontece no Banco.

Da mesma forma, Maria avalia o significado de ser funcionário do Banespa no passado:

Agora, quando eu vim no banco, qual era vantagem. Eu ia ter médico, assistência médica, ia ter médico, me falaram também, ia ser bom, que eu ia trabalhar seis horas por dia, você está entendendo? Eu não trabalhava no sábado, não trabalhava no domingo e não trabalhava no feriado, você está entendendo? Agora para você ver... Não era só o salário. Ah, pensava [na estabilidade] Apesar que tinha tanto emprego...porque quando você entrava numa estatal, qual era o seu objetivo? Morrer ali.

Porque quando você falava para uma pessoa: ‘– Qual é a sua profissão?’ ‘– Bancária’. ‘– Oh!’, ‘– Da onde?’, ‘– Do Banespa’. ‘– Uh’... Sabe? Era um auê! Era status com certeza. Nossa, quando você falava: ‘Bancária, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Caixa Estadual e Banespa, nossa, ninguém, ninguém, Nossa Senhora! Às vezes, até o tratamento era diferente, você está entendendo? ... Então, nossa! você como... bancária, na hora que você colocava,

mostrava o seu *holerith* ali, mil quinhentos, mil e sessenta, a turma falava: ‘– Nossa’, sabe, ‘Como você fez para entrar no Banespa? Como que faz para entrar no Banespa? Como que’... Você está entendendo?

Assim, comparando às tantas mortes do tempo presente, incluída aí a morte de uma identidade, a “banespiana”, e dos vínculos com uma empresa pública, é lá, no tempo passado, que Nilton, Maria, Rita e Grozzi reencontram essa identidade, e lembram em suas narrativas – em que pese a existência das contradições das relações de trabalho do trabalho bancário, presentes no Banespa, como veremos a seguir – associando-a a essa “Idade de Ouro” do banco. Trata-se de uma construção que vincula a lembrança e o mito a uma identidade socioprofissional.

Contudo, para analisar o que dizem as narrativas biográficas sobre o tempo passado, busquemos o estudo de Romanelli<sup>52</sup> e sua etnografia sobre os bancários do Banespa, realizada em meados da década de 1970, a “Idade do Ouro” referida nas narrativas. Ao tempo mítico, da memória, contraponho outro, o tempo etnográfico de Romanelli.

O estudo de Romanelli aponta para as razões do ingresso no Banespa associadas à ideia de ascensão socioeconômica: “O ingresso no Banco, garantido pela imagem de solidez da instituição e valorizado pelas experiências vivenciadas pelos outros, afigura-se como meio de obter emprego e de realizar aspirações de melhoria social e econômica”.<sup>53</sup> Nesse sentido ainda, o ingresso por meio de concursos públicos, forma “impessoal e burocratizada” e com menos “personalismo” de ingresso, permitiu a entrada de trabalhadores, sobretudo do interior e de mulheres em posição desfavorável no mercado de trabalho.<sup>54</sup>

A estrutura das narrativas, a forma como Nilton e Maria

---

<sup>52</sup> ROMANELLI, Geraldo. *O Provisório Definitivo: trabalho e aspirações de bancários em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1978.

<sup>53</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 143.

<sup>54</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 145.

narram e lembram, corrobora com Romanelli, pois as narrativas descrevem uma vida, na infância e na adolescência, marcada pela pobreza, para então, como um ritual de passagem, situar o ingresso no banco, na vida adulta, como meio de sua ascensão socioeconômica. Nilton, que saiu de uma pequena cidade do norte do Estado de São Paulo como escriturário do banco, comenta sobre isso, quando então estava na posição de gerente-geral na região de Campinas: “Para quem tinha vindo do meio do mato... [Era] Uma ascensão... Um ego. Uma realização pessoal, eu não diria nem profissional, profissional foi consequência, mas era uma realização pessoal”.<sup>55</sup>

Assim como Maria relata, de forma mais explícita, o significado dessa ascensão para ela, uma jovem moradora de um bairro de periferia de Campinas e oriunda de uma família pobre:

Comprei geladeira para a minha mãe, comprei em dez vezes, mas eu comprei, e daí? Não era legal isso? Então era gostoso, então você já podia, por exemplo, chegar de noite... eu já era uma pessoa que não é que eu era difícil pra comer, eu sou fácil, mas, ao mesmo tempo, eu não sei comer sem carne, sabe? E outra, eu vim de uma família super pobre e não sei comer sem carne... era terrível para mim, não era?... Mas é, foi muito gratificante, porque eu já saía do banco mais cedo, sabe? Então eu já podia ajudar minha mãe numa casa mais do que eu já ajudava. Então, se a minha mãe chegava no sábado, no domingo, minha mãe descansava mais.<sup>56</sup>

Rita fala do significado de seu ingresso no Banespa para sua vida:

Ah, eu acho que [sua vida mudou] em todos os aspectos, tanto financeiro, porque o meu salário, quando eu entrei, eu já sabia o salário que eu ia receber, mesmo sendo admissional, então eu já sabia que o meu salário era o dobro do que eu ganhava e eu queria trabalhar menos

---

<sup>55</sup> Nilton, entrevista realizada em 2004.

<sup>56</sup> Maria, entrevista realizada em 2004.

tempo. O horário do dia era 6 horas, eu trabalhava 8. Eu já sabia desse aspecto, e no aspecto emocional, psicológico, você estava entrando numa grande empresa. Você não sabia quem era o patrão, você tinha grande expectativa de estar crescendo. Isso foi muito importante para mim, e uma mudança na vida emocional, porque também estava saindo de um casamento, vendo pessoas novas, um mundo diferente. Porque aquele mundo em que eu vivia, eu era uma pessoa simples e vivia num mundo simples, nós freqüentávamos... eu já morava nessa região aqui, naquele bairro de baixo, casas populares, como eu falei para você, eu freqüentava a igreja daqui de cima, depois eu mostro para você onde é. A comunidade que eu freqüentava, todas pessoas simples, simples.<sup>57</sup>

Ao analisar as representações e práticas dos bancários do Banespa, verifica que esses realizam uma reflexão sobre sua profissão e sobre a empresa, revelando contradições e críticas, ainda que fragmentárias, percebidas sobretudo como uma “alienação” do trabalho bancário.<sup>58</sup>

O Banespa, que Nilton, Maria, Grozzi e Rita ingressaram, é visto por alguns bancários que Romanelli entrevistou nos anos 1970, como autoritário, ainda que muitos acabassem por entender como positivo o caráter paternalista das relações de trabalho construído por meio de redes de apadrinhamento, já que, com isso, podiam conseguir a ascensão de carreira depois do ingresso.<sup>59</sup> Havia, na expressão do autor, “carreiras bloqueadas” uma vez que a ascensão funcional não se consumava para todos, o que exemplarmente as trajetórias de Nilton, homem, que ascendeu na carreira até o posto de gerente-geral e, diferentemente, a de Maria, uma mulher, que sempre se manteve como escriturária, vêm mostrar.

Nilton, Maria, Grozzi e Rita trabalharam num Banespa que Romanelli analisou como sendo estruturalmente marcado por

---

<sup>57</sup> Rita, entrevista realizada em 2004.

<sup>58</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 228.

<sup>59</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 210-212.

um sistema burocrático no qual prevalecia a rotina e a vigilância, sendo que a “disciplina, rendimento, desempenho mecânico das tarefas constituem elementos básicos classificadores do bom empregado”, e isso foi criticado por alguns dos bancários pesquisados por ele como sendo “um trabalho rotineiro e pouco criativo”.<sup>60</sup> Além disso, o autor identificou a presença do paternalismo, com sua lógica de favorecimentos, que permeava essa estrutura e levava os funcionários a construírem uma “imagem positiva” do banco, pois “se existe exploração, ela é avaliada como menos brutal que em outras empresas”.<sup>61</sup>

Das contradições dessa estrutura burocrática e paternalista, Romanelli descreve em sua etnografia sobre: a intensificação do trabalho, inclusive promovida pela incipiente automação; a extensão da jornada de trabalho; os sistemas de avaliação funcional que eram ambíguos, entre a competência e o favorecimento; e a ocorrência de doenças profissionais desse período. Por tudo isso, expõe que, já naquela época, pode-se falar de uma “proletarização” da categoria, representada pelas expressões “mendigo engravatado” e “operário engravatado”, utilizadas pelos próprios bancários, em referência aos salários, alegando que já não correspondiam à crescente demanda de consumo da categoria.<sup>62</sup>

Por fim, Romanelli conclui que essas contradições, embora aparecessem nas entrevistas, não eram apreendidas na sua totalidade pelos bancários, uma vez que muitos assumiam o paternalismo como forma de ascenderem socialmente por meio de suas carreiras no contexto de possibilidade de expansão do consumo do “milagre brasileiro” dos anos 1970.

As narrativas dos bancários oscilam entre uma certa opacidade em relação a essas contradições e menção a elas, embora de maneira distintas. A narrativa de Grozzi indica que, diferentemente de Nilton e de Maria, lembra de algumas contradições do Banespa no passado, não se esquecendo do estigma que lhe fora

---

<sup>60</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 65.

<sup>61</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 187.

<sup>62</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 232-233.

imputado durante muito tempo pelos outros funcionários de sua agência ao explicar o seu ingresso em processo seletivo interno, como contínuo, e não em concurso público. Grozzi também expõe que fora preterido no sistema de ascensão de carreira, quando esse era por indicação, em virtude de não participar da rede de apadrinhamento existente na sua agência, o que dificultou a sua carreira. Sua narrativa aproxima-se das contradições da estrutura paternalista e burocrática do Banespa apresentadas na etnografia de Romanelli.

Dessa análise sobre a estrutura de trabalho do Banespa, o autor classifica os bancários pelo seu envolvimento com essa estrutura em dois grupos distintos, argumento central de sua etnografia:

Em primeiro lugar, há o grupo de bancários cujo objetivo é fazer carreira e que considera o emprego como definitivo. O segundo agrupamento engloba diversas orientações e perspectivas. Um segmento desse grupo aguarda a conclusão do curso superior, esperando adquirir qualificação que o habilite a encontrar trabalho mais adequado às suas aspirações. Outra fração mantém dois empregos e tem como projeto conquistar segurança na atividade complementar, para então deixar o banco. Em qualquer caso, para os bancários do segundo grupo, o Banco do Estado é mero 'trampolim' a ser utilizado até que, em um futuro indefinido, tenham condições para transformar o emprego provisório em definitivo.<sup>63</sup>

Aproximemos a classificação de Romanelli às trajetórias dos bancários aqui narradas. Elas constituem trajetórias exemplares nas quais o "provisório" foi sendo substituído pelo "definitivo", quando Nilton, Maria, Grozzi e Rita, assim como o teria sido para muitos de seus colegas "banespianos", deixaram de lado alguns projetos e atrelaram suas vidas ao trabalho no Banespa.

Nilton não conseguiu prosseguir os seus estudos superiores, que se tornaram incompatíveis com o trabalho no banco.

---

<sup>63</sup> ROMANELLI, G., Op. cit, p. 149.

Casou-se com uma funcionária de sua agência e seguiu carreira de gerente fora de Campinas, deslocando-se para as cidades da região e, com isso, permanecendo ausente do convívio de sua família durante muito tempo.

Maria não foi ser professora como desejava sua mãe, interrompeu seus estudos e ingressou no banco, onde já trabalhava seu marido, Grozzi. Permaneceu toda sua vida funcional como escriturária, conciliando o trabalho no banco com a sua vida na família e na comunidade do distrito onde mora, e sempre trabalhou na agência local do Banespa.

Grozzi, no seu passado anterior ao Banespa, trabalhou em um circo, foi marceneiro e fez parte de um conjunto musical. Entrou no banco como contínuo, depois foi escriturário, chegando a ser supervisor apenas quinze anos depois de seu ingresso; permaneceu sempre na mesma agência, em um distrito de sua cidade, até sua transferência para outra agência, como tesoureiro, após a privatização.

Rita ingressou no Banespa, mas, ao longo de sua história, sempre atrelou outros projetos ao do banco, entre o definitivo e o provisório, ainda que atribua a entrada no banco como um grande marco para sua vida: ela foi sindicalista e professora, ao mesmo tempo em que trabalhava como bancária, e também casou e teve dois filhos. Mudou várias vezes de agências, de setores no banco e de cidades, ainda que permanecesse sempre na função de escriturária. Havia deixado seus planos de prosseguir seus estudos superiores, no passado, mas recentemente formou-se em Pedagogia.

Comparemos o tempo etnográfico de Romanelli ao tempo da memória dos sujeitos, tal como se apresentam as suas narrativas. Se o tempo etnográfico de Romanelli remete a um Banespa, no passado, repleto de contradições e embora essas contradições se apresentem nas narrativas, o tempo da memória dos bancários traz à lembrança de outro Banespa, idealizado como uma “Idade do Ouro”.

É que entre a temporalidade descrita por Romanelli e a narrada pelos sujeitos passaram-se trinta anos. As mudanças



ocorridas no Banco, sobretudo na última década, transformaram aquilo que já tinha sido posto como “definitivo” em suas vidas, ou seja, o trabalho no Banespa, em “provisório”, já que o banco vivido pelos bancários foi deixando de existir até o ponto de serem desligados. Segnini, numa análise sobre a reestruturação do trabalho no Banespa em meados da década de 1990, já aponta para isso:

Hoje, os bancários são mais velhos, mais escolarizados, como revelam os dados estatísticos. Porém, a intensa pressão por produtividade e a competição entre os próprios colegas marcam a precariedade do vínculo com a instituição, a possibilidade real de desemprego a qualquer momento. Dessa forma, no contexto da reestruturação produtiva, o emprego nos bancos deixa de ser caracterizado como provisório, que se transforma em definitivo, para se constituir em definitivamente provisório.<sup>64</sup>

Como foi visto, os sujeitos concebem o tempo presente como um tempo de mortes. Diante delas, buscam alguma vida no Banespa do passado por meio dessas lembranças e se esquecem – em parte – do que foi o banco, aquele descrito por Romanelli, por meio da idealização – mítica – da “Idade do Ouro” do Banespa.

Voltemos para a discussão sobre a noção de memória para melhor compreender o que não é lembrado na narrativa. Muitas áreas do conhecimento e estudos têm se preocupado com os mecanismos da memória e particularmente sobre o esquecimento. Podemos pontuar algumas delas: a psicanálise de Freud pressupõe a amnésia e o recalque do inconsciente reprimido, como constitutivos da psique; e a literatura de Proust fundamenta-se no “choque”, quando as sensações e as emoções despertadas, porém esquecidas no tempo, faz

---

<sup>64</sup> SEGNINI, Liliana Rofsen Petrili. Reestruturação nos bancos no Brasil: desemprego, sub-contratação e intensificação do trabalho. *Educação & Sociedade*, n. 67, Campinas, CEDES, agosto de 1999, p. 204.

sua personagem “buscar o tempo perdido”. Contudo, parece pertinente ater-se a alguns pontos da filosofia de Nietzsche que indaga sobre o esquecimento, retomando sua ideia central sobre o tema.<sup>65</sup>

Nietzsche reflete sobre qual seria o valor da história para a vida. Para o filósofo, a medida da felicidade do homem está na sua possibilidade de esquecer. Assim, “é possível viver quase sem recordar e viver feliz, como o demonstra o animal, mas é impossível viver sem esquecer”. O que define o grau e fixa o limite do que é necessário esquecer é: “a faculdade [do homem] de crescer por si mesmo, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as forças destrutivas”. Trata-se, pois, de saber esquecer a tempo, como também de saber recordar a tempo. Daí que, para o filósofo, “o sentido histórico e sua negação são igualmente necessários à saúde do indivíduo, de uma nação e de uma civilização”.<sup>66</sup>

Assim, Nilton, Maria, Grozzi e Rita esquecem as contradições a que eles estavam submetidos no trabalho do Banco no passado porque é preciso reconstruir suas vidas no tempo presente. Pois é no aqui e agora que eles lembram as mortes do banco atual e da vida (feliz) passada no banco antigo (idealizado), e esquecem a morte de uma outra vida: a que eles deixaram de ter justamente porque estavam submetidos – em definitivo – à estrutura burocrática e paternalista do banco antigo, e suas contradições, descrita por Romanelli.

Talvez assim o façam para tentar ser felizes, tal como considera Nietzsche. É que não seria possível viver recordando a sua escolha do passado, qual seja, a de permane-

---

<sup>65</sup> Remeto, respectivamente, a: FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1978; PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Globo, 1983; NIETZSCHE, Frederico. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In: Nietzsche, F. *Considerações intempestivas*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1978.

<sup>66</sup> NIETZSCHE, F., Op. cit, p. 107-109.

cer em definitivo no Banespa, e atrelar suas vidas e outros projetos a esse, considerando o que foram as consequências “a posteriori” dessa escolha decorrentes das da privatização. Quando há morte no tempo presente, é preciso lembrar que havia alguma vida e esquecer outras tantas mortes no tempo passado para (re) encontrar, do novo, a vida no presente.

Nilton, Maria, Grozzi e Rita frisam, narrativamente, como recuperam alguns projetos no presente – não apenas no trabalho – que um dia foram postos como “provisórios” e também tiveram que ser esquecidos quando ingressaram no banco. Com a vida no tempo presente, com seus projetos e desejos, eles – por meio da lembrança idealizada e do esquecimento do tempo passado – refletem sobre o que foi “provisório” e “definitivo” nas suas vidas, sobretudo em relação ao seu trabalho no Banespa. Trinta anos decorridos da etnografia de Romanelli, com tantas mudanças ocorridas no banco, e nas relações do trabalho bancário e na história recente do país, eles recuperam, depois de tantos sofrimentos e mortes, o que teria sido o “provisório” em suas vidas.

O esquecimento é estratégico nas narrativas, pois sustenta uma forma narrativa na qual os trabalhadores procuram mostrar a reconstrução das suas vidas no tempo presente e no contexto das mortes que recém haviam vivenciado no período da privatização e das mudanças do Banespa.

Tal proposição não significa dizer que estes trabalhadores não têm consciência histórica das contradições do Banespa do passado. Pelo contrário, o esquecimento estratégico vem reforçar a forma como narram, reveladora de sua consciência histórica a partir do tempo presente. As narrativas biográficas fazem referência ao processo de construção e desconstrução da “identidade banespiana”, rememorando esses vínculos identitários localizados no tempo passado e posto em risco no presente diante dos processos globais atrelados às dinâmicas do capital mundializado. Assim, Nilton, Maria, Grozzi e Rita associam sua experiência de “ser banespiano” simultaneamente em que se posicionam como sujeitos, nas narrativas,

por meio de referências a temporalidades passadas. Essas subjetividades distintas permitem considerar a construção de historicidades particulares no contexto do processo geral de mudança do Banespa.

Essas historicidades são reveladoras da forma como os bancários construíram suas narrativas afirmando-se a si, como sujeitos históricos, na medida em que construíram relatos contrapostos à forma autoritária na qual entendem que ocorreram as mudanças do Banespa e os seus desligamentos. Trata-se, antes, de um discurso de denúncia e de resistência no qual, por meio de histórias e mitos, lembranças e esquecimentos – portanto, do trabalho da memória, no sentido de Bosi<sup>67</sup> – mostra o modo como viveram e sobreviveram a esse processo.

Por isso mesmo, ainda temos que compreender um tempo mais-que-pretérito, apresentado nas suas narrativas, que antecede ao tempo de trabalho no Banespa na vida adulta: trata-se do tempo da infância e adolescência, intensamente lembrado por todos.

Nilton lembra-se de seu tempo de infância e adolescência na pequena cidade do interior: tempo de pobreza, mas de brincadeiras, das pescas e dos jogos de futebol, dos vínculos com a natureza, quase idílica, na infância, e da vida que levava na república de jovens que morou por algum tempo; e tempo de afetos, sobretudo da mãe e dos “banespianos” da pequena agência. Maria também lembra, com alegria desse tempo, também de pobreza, mas das brincadeiras da infância partilhadas com o seu irmãozinho, da escola, dos passeios ao cinema e aos parques com os seus pais, da sua participação na igreja de seu bairro e das suas idas aos bailes. A narrativa de Grozzi apresenta, intensamente, longas descrições, do período vivido num circo e quando acompanhou uma banda de músicos na adolescência.

Por que lembraram tão intensamente da infância e adolescência durante a construção das narrativas, justamente

---

<sup>67</sup> BOSI, Ecléa, Op. cit.

quando foi proposto a eles que falassem sobre o trabalho no Banespa? Os escritos de Bosi oferecem algumas primeiras pistas:

Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde valores se adensam. O tempo biográfico tem andamento como na música desde o 'allegro' da infância que aparece na lembrança luminoso e doce, até o 'adágio' da velhice.<sup>68</sup>

Partindo disso, compreende-se, inicialmente, que o período da infância e da adolescência constitui um contraponto com tempo vivido posteriormente pelos trabalhadores no banco na vida adulta no qual a situação de pobreza do primeiro foi superada pelo trabalho no banco, como já foi dito. Mas a infância e a adolescência não foram apenas tempos de pobreza. Quando eles lembram esse período, no decorrer das narrativas, sentem mais intensamente alegrias, tristezas, emoções e afetos, que pude compartilhar com eles, e o fazem de forma involuntária. Lembrei-me de Proust, que define "a memória involuntária":

não [se]tenta invocar lembranças através de um esforço de vontade, e também desiste de assegurá-las contra o esquecimento com toda a sorte de artifícios mais ou menos hábeis. A memória involuntária antes de mais nada se dá tempo. Para esperar bastante, por vezes muito tempo, até que alguma vez, depois de longos intervalos, certas lembranças retornam 'espontaneamente' – caso queiram retornar por vontade própria.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2003. p 23-24.

<sup>69</sup> Apud. WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

A memória, mesmo involuntária na forma como irromperam em intensidade – não prevista por mim para serem postas dessa forma na condução das narrativas – constitui também uma estratégia narrativa, para o que se quer dizer: a possibilidade dos sujeitos (sobre) viverem após os desligamentos do Banespa.

Senão, vejamos. Entre essas sensações revividas, quando os bancários lembram da infância e da adolescência, é que reencontram a intensidade da vida para trazê-las diante do momento vivido hoje, depois de tantos anos de trabalho no Banespa. É na infância e adolescência que o “provisório” em suas vidas, tornado “definitivo” pelo trabalho bancário, recupera a intensidade de sentido – e de sensações – para se apresentar no tempo presente quando narram.

Comparando ao que observei durante as narrativas, analogamente, os sujeitos o fazem como o personagem proustiano de “Em busca do tempo perdido”: “Com isso ao mesmo tempo [o personagem] se desencadeia em sua consciência uma inaudita sensação de felicidade, sinal seguro de que aqui a lembrança venceu o tempo e talvez, espera o narrador, vença até mesmo a morte”.<sup>70</sup>

#### **4. Considerações Finais**

As narrativas biográficas dos bancários revelam temporalidades próprias, por meio, nos dizeres de Bosi, de uma “memória-trabalho”. Trata-se de pensar, sobretudo, acerca de um trabalho, tecido nas narrativas, por meio da construção de uma memória pessoal, mas que se refere também a uma memória coletiva associada à “identidade banespiana” no contexto da privatização e das mudanças no Banespa.

A partir do tempo presente, posicionam-se diante de um contexto histórico, articulando o terror aos seus desligamentos e representações de mortes para referir-se à privatiza-

---

<sup>70</sup> Apud. WEINRICH, H. Op. cit, p. 208.

ção, e, a partir disso, constroem temporalidades passadas, lembrando-se de uma vida (feliz) de trabalho no Banespa antigo – e idealizado – e se esquecendo da morte de outros projetos de vida que não puderam ser concretizados porque estavam vinculados à estrutura burocrática desse mesmo trabalho e suas contradições, descritas na etnografia de Romanelli. E, involuntariamente, lembram intensamente de um tempo mais-que-pretérito, o da infância e adolescência, despertando sensações que podem vincular – e suportar – à vida reconstruída fora do Banespa, no tempo presente.

As narrativas são exemplos do “enquadramento da memória”, referido por Pollack, pois seus relatos são realizados por meio de “fio condutor” da memória, considerando que a história de vida é “uma reconstrução a posteriori que ordena os acontecimentos que balizaram uma existência”.<sup>71</sup> Para Pollack, trata-se de um trabalho do indivíduo, de reconstrução de si mesmo, no qual há um equilíbrio precário entre os “silêncios” e os “não dito”, a que acrescento, no caso aqui analisado, entre esquecimentos e lembranças involuntárias. O passado seria um trabalho propriamente de “gestão da memória”, ou antes, uma gestão de si mesmos na história quando os bancários narram.

A construção do tempo presente e do passado, nas narrativas, permite aos bancários a reconstituição de si como sujeitos de sua história. Um tempo muito distinto de outro, o do capital, aquele que justamente submete o trabalho na nossa sociedade e pretende sobrepor-se ao tempo construído pelos sujeitos, como considera Bosi:

É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjogados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, “racionalizando” as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o

---

<sup>71</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3. 1989. p. 3-15.

familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil.<sup>72</sup>

Considerando que as narrativas foram construídas no contexto da privatização e das mudanças do Banespa, regidas pelo tempo do capital, o tempo narrado nas narrativas, o da memória dos sujeitos, constituído a partir de suas experiências, é, por isso mesmo, uma forma de afirmar historicidades não submetidas ao capital. Ao fazê-lo, os bancários afirmam a si próprios e também as suas vidas diante das tantas mortes impostas pelo capital no mundo do trabalho, parafraseando Ecléa Bosi, no tempo vivo da memória.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> BOSI, Ecléa. Op. cit, p. 53.

<sup>73</sup> BOSI, Ecléa, Op. cit.